

**Tudo outra vez**  
**Intertextualidade e Estágio**  
**Supervisionado III**

*Ana Iara Rodrigeus de Souza*  
*Adriana Aquino*

01

A Pandemia, a contragosto vestida de “gripezinha”, escancarou a boca e, como abismo que chama outro de si, “não examinava nem cheirava: engolia com voracidade”. Onda após onda, Manoeis, bandeiras e odisseias particulares foram devoradas, e a pátria, engolida acima de tudo, deixando o fakestilista, acima de todos, numa saia justa. Um macaco é sempre um macaco, mesmo vestido de púrpura.

Nesse cenário, até os mitos ganharam uma nova roupagem: uma Penélope que desmancha o tapete que não teceu e puxa o tapete do vizinho para destecer. Uma verdadeira destecelã de mitos [barulho de bateria].

De feito em tanto, o vírus exercitou-se e fez seu próprio histórico de atleta, passando o bastão para suas variantes e quebrando recordes. Os mortos soaram e se horizontaram em seis dígitos. Estado não coveiro varre para baixo do tapete, talvez por entender que, neste mundo vasto mundo, a morte de tantos Raimundos seria uma rima e também uma solução para a longevidade e para o aumento da expectativa de vida, haja vista que todo mundo quer viver 100 anos e, aparentemente, todo Raimundo também.

Com Penélope tentando (en)cobrir a Pandemia, deu-se a nossa odisséia pessoal: encontrar um supervisor, lutar com as novas cabeças da cila-burocracia, pois as existentes pareceram não mastigar sanidade e paciência suficientes, iniciar e finalizar a travessia, cientes de que “forte eu sou, mas não tem jeito, hoje eu tenho que chorar”, atirar a flecha através dos arcos e redigir relatório e crônica ou relato, cultivando tendinite, olheiras e dores espirituais agudas, uma vez que fisicamente também não houve como tentar evitar a fadiga.

Poucas helenas-supervisores disponíveis poderiam ter sido motivo para guerra, mas resultou em união, e a jornada do herói por esse espaço remoto pouco explorado foi feita acompanhada, como bons mochileiros que se aventuram por outra galáxia e nunca esquecem da toalha, para enxugar o suor e as lágrimas.

Depois de estabelecermos contato com potenciais supervisores:

- Alô, alô, Marciano?!

Nos identificarmos:

- Aqui quem fala é da Terra...

Explicarmos a situação:

- Pra variar, estamos em guerra. Você não imagina a loucura!

E suplicarmos aos céus (no plural, para aumentar as chances de sermos atendidas):

-Valha-me, Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler...Valha-me, Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaréééé!

A Helena-supervisora, a vida, o universo e tudo mais se compadeceram dessa sofrimentação (ação de sofrer como sujeito paciente) e aquela aceitou embarcar nessa trajetória de Marias, “de uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta”, por entender que navegar é preciso e por também já ter precisado dessa embarcação. A vida, o universo e tudo mais não

aceitaram, nos olharam como quem diz : “ - Mas será possível?! 9h da manhã e tu já estás bêbado”.

Em seguida, tivemos de assinar os termos da cila-burocracia, que sibilava:

- Você quer vender sua alma? Você quer vender? quanto é?

E, diante da nossa surpresa, completou:

- Não vejo motivo pra espanto. Há tempos que a lei é assim: você só vai ganhar esse jogo se perder pra mim.

Já com os contratos, quer dizer, termos assinados e sem esquecer nenhum detalhe, entendendo que nenhum de nós nasceu com jeito pra super-herói, mas sabendo-nos Carlos e ouvindo os augúrios de um anjo torto desses que vivem na sombra: vai, Carlos! Ser gauche na vida, iniciamos, com otimismo, o estágio.

- Nada poderá nos abalar! Nada poderá nos derrotar!

Passada a primeira aula (a qual só observamos), algo em nosso espírito tinha mudado:

- Bicho de Sete Cabeças! Bicho de Sete Cabeças! Bicho de Sete Cabeças!

A adaptação do aplicativo (WhatsApp) para a intermediação das aulas foi a forma que a escola encontrou para alcançar o maior número de alunos, que ainda assim tinham dificuldades relativas ao acesso. Nesse viés, apesar de em João Câmara, município no qual se localiza a escola, podermos visualizar torres eólicas, não podemos mascarar os dragões das desigualdades sociais passando-os por moinhos de vento. A internet e o acesso a ela não têm um caráter tão democrático quanto se supõe, o que essa experiência de estágio evidenciou.

À medida que os encontros foram acontecendo, conhecemos mais sobre a supervisora, a escola e a turma, ao passo que nos preparávamos para o nosso exercício de regência e a preparávamos também, misturando tudo dentro de nós. Além de ainda trabalhar na construção do relatório da disciplina e apresentá-lo até a sensação de déjà vú.

Mesmo não estando à toa na vida, quase vimos a banda passar (e ela não tocava coisas de amor) quando o ritmo das aulas, ou seja, das disciplinas de estágio e do estágio em si acelerou, o que tornou mais difícil de acompanhar a valsa, e a nossa perna (metonímia para todo o corpo) sucumbia de agonia em cada passo que dávamos nessa dança. Íamos perdendo a esperança...

Os encontros síncronos, que aconteciam nas segundas e terças-feiras, nos sacudiam às 8h da manhã. Por vezes, em revolta decidia:

- Se eu for, eu vou assim, não vou trocar de roupa. É minha lei!

E assistia às aulas como tinha acordado, ou melhor, dormido. Benefícios do ensino remoto. Afinal, tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu, por exemplo, naquela segunda-feira em que se tenta negociar:

- Vamos devagar! Hoje é segunda-feira. O curso de domingo não me deu colher de chá.

Mas até quando o corpo pede um pouco mais de alma, o estágio não para. Enquanto o semestre acelera e pede pressa, não adianta se recusar, fazer hora ou ir na valsa. Noites dormidas são tão raras e eu finjo ter paciência; não sendo poeta, não é algo que finja e deveras sinta.

Nas turmas acompanhadas, um fenômeno misterioso (É só mistério, não tem segredo): alunos fantasmas que faziam suas aparições quando se anunciava a lista de frequência no fim da aula. Socorro! Alguma alma, mesmo que penada, me empreste suas penas! Em contrapartida, havia aqueles que faziam a aula, como interação, acontecer.

Chegado o dia da regência (Hoje é o seu dia! Que dia mais feliz!), inspiramos os alunos para a vida adulta, trabalhando a música *Sou uma criança*, não entendo nada, cantada pelo Erasmo Carlos e pelo Arnaldo Antunes. Com a primeira turma, a incidência de ausência foi maior. Tanto foi o silêncio que até minha gata surda se sensibilizou com a situação e começou a miar no volume máximo, que lhe é habitual. Foi difícil enviar áudio explicando o assunto sem aparentar envolvimento com maus tratos animais.

Para a segunda turma, aclaramos a situação e a participação foi maior:

- Faça sua parte... Eu sou daqui, eu não sou de Marte.

Após esse apelo, o número de alunos participantes subiu cerca de 600%. Como?! Não sei, só sei que foi assim: de um aluno na primeira turma, subiu para seis, na segunda. A propaganda é realmente a alma do negócio e fomos mais bem sucedidas que qualquer Betina (mesmo sem um milhão e quarenta e dois mil em patrimônio acumulado)!

Ao fim, as formas de avaliação foram muitas, unidas com conjunção alternativa, de forma que os alunos que cumprissem ao menos uma das proposições estariam aprovados, tornando o valor da sentença verdadeiro, de acordo com a portaria estadual que regulamentou essa determinação.

Palavras não bastam, não dá pra escrever o alívio do fim de cada estágio, que antecede as férias, como um corpo em descompressão física e mental, além de uma carga de tristeza de quem reflete sobre o seu papel na universidade quando cansaço não deixa mais pensar e se está sobrecarregado de trabalhos acadêmicos, que entortam as costas e dão um cansaço, mas vislumbra que a conclusão do curso se aproxima:

- E até parece que foi ontem minha mocidade, com diploma de sofrer de outra Universidade...

Mas no espelho, vendo-se que envelheceu 10 anos ou mais no último mês, não coincidentemente fim de semestre, ensaia um “bye bye, tristeza” e volta às atividades, pensando que como dois e dois são quatro, a vida vale a pena, embora o pão seja caro e a liberdade pequena. Corta-se o glúten e aproveitam-se as sobras de liberdade, sabendo consigo que, como não diria o Zezé, “nunca houve nenhuma pantera, era só uma galinha preta e velha que eu comi numa canja”, mas ainda assim, contando as peripécias da pantera.